



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**OS TRÊS PRESENTES**

Por ANAO SABICHAO

Desenhos de A. CASTAÑE

**D**EDICO, hoje, esta históriazinha a uma menina, minha amiga, chamada Izabelinha e dedico-lha porque acho o seu procedimento tão lindo, que tenho um grande prazer de o fazer conhecido por todos os leitores do «Pim-Pam-Pum».

A Izabelinha tem mais dois irmãos: a Fernanda e o Carlos, ambos mais velhos que ela.

Nas proximidades dos anos da mãe, os três pequenos pensaram, seriamente atrapalhados, na prenda que lhe haviam de oferecer.

O Carlos, por fim, com ar decidido, disse à Fernanda:

—«O melhor é pedirmos dinheiro ao pai. Só com dinheiro podemos comprar qualquer coisa que preste — e, ao ouvido da irmã acrescentou: — Escusamos de dizer nada à Izabelinha, ouviste?» —

—«Está claro! — respondeu a Fernanda. Ela que se arranje!» —

E assim manobram os dois.



O pai deu-lhes o dinheiro pedido.

Muito contentes, os dois irmãos, trataram de comprar duas apetitosas caixas de bombons que era a prenda da Fernanda e uma caixa de lindos soldados de chumbo, presente do Carlos.

Primeiro que se resolvessem a estas compras, tinham hesitado muito, mas, por fim, na idea de que a mãe talvez lhes tornasse a dar os bombons e os soldados, decidiram-se a comprá-los.

A Izabelinha, entretanto, andava muito triste, porque não tinha nada para oferecer à sua querida Mãezinha.

Pedira ao pai que lhe desse dinheiro; mas ele, vendo-a tão pequenina ainda, rira-se do pedido e só lhe dera muitos beijos.

A' noite, ao deitar-se, Izabelinha ficava com os olhos

(Continua na página 5)



# Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS

Por MANUEL FERREIRA

## BARTOLOMEU DE GUSMÃO

**M**UITO novo, Bartolomeu de Gusmão começou a manifestar especial tendência para os estudos de física e mecânica.

O seu 1.º invento foi um maquinismo para fazer subir água do rio ou do mar, à altura que se pretendesse.

Em 1708 dedicou-se a construir uma máquina de voar, tendo de desistir dos estudos que estava frequentando. Deu-lhe o nome de «Passarola», sendo êle depois chamado o «Voador».

Estudante assíduo e aplicado.

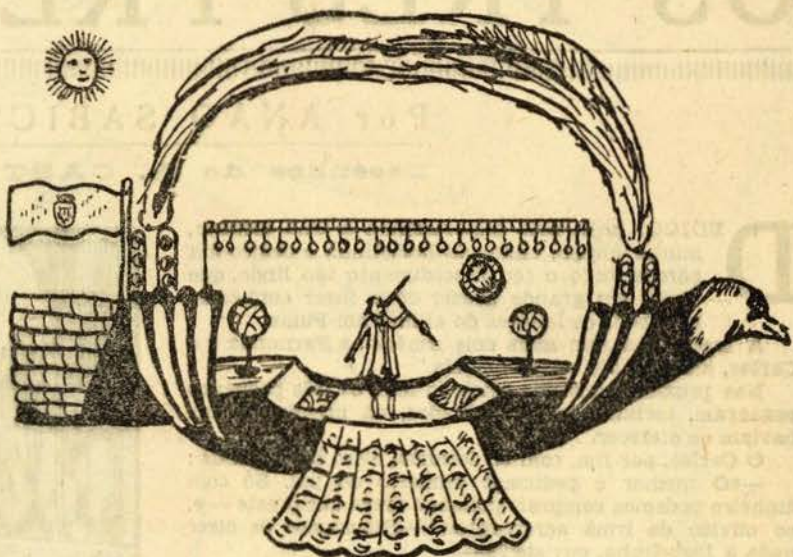


advogava as mais difíceis causas. Fundou em 1720 a Academia de História Portuguesa. No ano seguinte conseguiu obter uma licença para fazer carvão de terra, artificial.

Em 1724 inventou, também, um mecanismo em que os moínhos para açúcar, com a mesma quantidade de água, podiam moer muito mais.

Além de tudo isto, Bartolomeu de Gusmão era um orador de notável talento. Mas, principalmente, o

seu genial invento da «Passarola» veio impô-lo à consideração não só de Portugal como de todo o mundo. Cabe a glória da invenção das



máquinas de voar a Portugal. A «Passarola» tinha a configuração duma grande concha, forrada de chapas de ferro, e, por dentro, de tábuas para serem atraídas por maquinismos colocados na parte superior da máquina.

Esta seria, por meio duma vela, impelida pelo vento, ou então por foles, ali colocados. Atrás, na pôpa, havia um leme e, aos lados, umas asas.

O velame, servia para cortar os ares, levando a aeronave para onde fôsse dirigida. O governo da máquina era devido ao leme. Interiormente a máquina levava uns canos, com foles, para suprirem a falta de

vento. As asas serviam para manter o equilíbrio do aparelho. Duas esferas magnéticas atraíam a si a barca, a qual, por dentro, era forrada de palha de centeio, para comodidade dos seus onze passageiros.

A coberta era feita de arame. Dentro, a aeronave levava agulha de marear. O piloto, chamemos-lhe assim, levava um aparelho denominado astrolábio, para tomar a altura do sol. De ambos os lados, encontravam-se roldanas a-fim de se alargarem as velas, conforme o vento.

Causou no estrangeiro enorme sensação o invento do aerostato, que fôra o produto de grande traba-

lho, perserverança e estudo do grande sábio português.

Portugal, depois de marcar as suas fronteiras no continente, pelo braço possante de Afonso Henriques, lançou-se, em barcas veleiras, e por iniciativa do Infante D. Henrique, à descoberta de mares que foi o primeiro a atravessar.

Quando já nada mais havia a descobrir, Portugal olhou para o céu, e, águia insatisfeita, devido ao talento de Bartolomeu de Gusmão, desferiu largos vôos pelo Infinito!...



# Penas de pavão

POR LAURA CHAVES  
DESENHOS DE CASTANÊ

De guarda a certo celeiro,  
havia dois animais.  
Um cão chamado Rafeiro  
e um maltês chamado Arrais.

Era o cão mal arraçado,  
propenso sempre a questões;  
tinham-no ali colocado  
para afastar os ladrões.

Como a missão de outros gatos  
era a do gato maltês,  
pôr em debandada os ratos,  
os ladrões de quatro pés.

Ora o gato mais o cão  
odiavam-se a valer,  
viviavam sempre em questão  
e não se podiam ver.



Por o Rafeiro estar prêso  
é que o gato inda vivia,  
porque não ficava ileso  
se o cão se soltasse um dia.

Porém, como no celeiro  
havia trigo guardado  
que deitava tão bom cheiro  
que era de ficar àguado,

os ratos andavam fulos  
por lhe não meterem dente,  
davam guinchos, davam pulos,  
por môr do gato inclemente.

Até que um rato, o Aldrabão,  
sabendo da inimizade  
que havia entre o gato e o cão,  
propôs à comunidade

ser êle o seu salvador,  
matar o gato selvagem,  
tudo à força de valor,  
de audácia e muita coragem.

A rataria explodiu  
em grandes vivas ao rato.  
Nunca um feito igual se viu!  
Um rato matar um gato!

Logo que o Aldrabão pilhou  
tudo deitado a dormir,  
ligeirinho se esgueirou,  
e, sem o cão pressentir,

meteu-se no nicho. Então,  
pôs-se a roer, a roer

a corda que atava o cão  
à argola, para o prender.

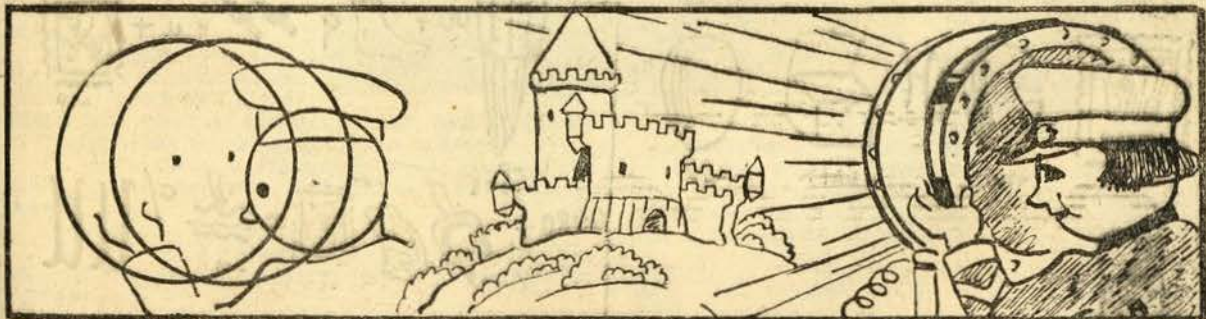
Tão bom trabalhinho fez  
que ao nascer o Sol amigo,  
já estava morto o maltês  
e os ratos a comer trigo.

Quando o nosso herói, ufano,  
contava aos outros, com brilho,  
como matara o bichano,  
um ratinho disse: — «Ai, filho!

Não te enfeites, meu pavão,  
pois desta vez deste borda,  
quem o matou foi o cão,  
tu só roeste uma corda!»

Esta história faz lembrar  
certo ditado do povo  
que diz que: "cacarejar,  
não é pôr ovo!..."

L I C A O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar um marinheira a trabalhar com um projecteur

# A CAUDA DO TIÇÃO



Era uma vez certo cão, duma casa de família, que andava sempre em quizília com o tareco «Tição».



A sua emplumada cauda fazia-lhe grande mozza e um dia, após grande lauda, jurou pregar-lhe uma coça.

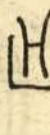


Corria, constantemente, atrás do seu pêlo escuro mas o «Tição», agilmente, fugia saltando o muro.



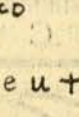
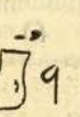
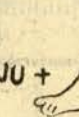
Porém, um dia o «Béu-béu» descobriu — ó que piada! — numa caixa de chapéu, a grande cauda emplumada.

## ENIGMA PITORESCO

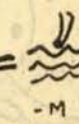
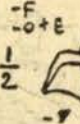


Br 10

Cr



GURO 1/2



c/

uu



Exclama, então, convencido:  
—«Eis o momento... é agora!...  
O gato está escondido  
mas com o rabo de fora!...»

Saltá-lhe em cima, porém,  
aparece a Dona Anita,  
que numa corrida vem,  
bate no cachorro e grita,

emquanto o nosso «Béu-béu»  
foge a sete pés, aflito:  
—«Ai o meu rico chapéu  
feito em farrapos... Maldito!»

## OS TRÊS PRESENTES — (Continuação da página 1)

muito abertos, fitos no tétó, a pensar, no presente da Mãzinha; de dia, no meio das brincadeiras, parava sem prestar atenção às bonecas, sempre a pensar no presente da Mãzinha. Mas nada lhe ocorria...

Até que, na própria manhã do dia dos anos, ainda a Izabelinha continuava sem atinar no que havia de lhe oferecer, de repente, se lembrou da pomba branca que a vizinha lhe tinha dado.

Talvez a Mã gostasse de a ter!... Ela era tão linda!... Pediu à criada que fosse buscá-la ao pombal.

Depois, enfeitou-lhe o pescôço com uma fita côr de rosa e, muito comovida, foi ter com a Mã. Caminhava um tanto receiosa...

O seu presente podia não ser bem aceite...

Os irmãos, que se preparavam para ir oferecer as suas prendas, ao verem a Izabelinha com a pomba, riram-se muito e correram, à frente dela, para serem eles os primeiros a dar os parabéns a Mã.

Esta, que há muito tinha surpreendido as combinações dos mais velhos e que havia, também, adivinhado as inquietações da Izabelinha — (os corações das mãis tudo, adivinham!) — esperava os seus três filhinhos, sorrindo muito feliz.

Os pequenos entraram.

Carlos, na sua qualidade de mais velho, caminhava à frente, sobraçando, orgulhoso, a caixa de soldados de chumbo.

Em seguida, vinha a Fernanda, com as caixas de bonbons, pensando já no prazer que sentiria, quando os seus dentes gulosos trincassem cada um daqueles apetitosos doces.

Na rectaguarda, a Izabelinha, com o seu passinho miúdo, tímida e hesitante, segurava nas mãos a pombinha branca.

O Carlos foi o primeiro a avançar.

—«Como hoje é o dia dos seus anos, ofereço-lhe estes soldados, para a Mãzinha se entreter e eu brincar também com eles»—

A Fernanda adiantou-se, em seguida, e falou assim:  
—«Aqui estão estes bonbons; são para a Mãzinha comer à sobremesa.»—

—«Obrigada, meus filhos.»— (disse a senhora, dando um beijo em cada um.)— E tu, Izabelinha, que me trazes?»—

—«Só lhe traz uma reles pomba!»— resmungou o Carlos, desdenhoso.

—«E demais a mais, era dela!»— acudiu, muito espetivada, a Fernanda.

Quási a chorar, a Izabelinha balbuciou: — «Sim. Mãzinha! Trago-lhe a pomba que me deu a avó, porque não tinha mais nada que lhe dar.»—

E, dizendo isto, correu a esconder-se nos braços da Mã.

—«Pois, minha Izabelinha, o teu presente foi o que mais me agradou. Teus irmãos compraram cousas para me oferecer mas na idea de que eu lhas torrasses a dar, enquanto a tua pombinha me foi dada com tão boa vontade e é tão linda como tu! Agora, meus filhos, vou dar destino aos vossos presentes: Tu, Carlos, pega nos teus soldados e vai brincar com eles, pois foi com esse sentido que mos deste. Tu, Fernanda, guarda uma caixa de bonbons e dá a outra à tua irmã e tu, Izabelinha, vai levar a pomba ao pombal e fica certa que a tua pombinha foi o presente mais querido para mim. Agora, vão brincar, muito amiguinhos, porque

ainda a minha maior alegria é satê-los amigos!»—  
Os três irmãos saíram então da sala.

Os mais velhos, envergonhados, por verem que a Mã tinha percebido que os seus presentes eram interesseiros e a Izabelinha, muito contente, porque a sua Mãzinha não tinha desprezado a pombinha.



# REGRESSO ÀS AULAS

Por GRACIETTE BRANCO

No aconchegado quarto  
da casa da cidade,  
já saturado e farto  
de Sol, luz, liberdade,

o pequeno Luiz,  
simpático e sisudo,  
tira, alegre e feliz,  
os seus livros de estudo.

Que bom que é regressar  
às aulas, ao liceu,

e pôr a trabalhar  
os dons que Deus nos deu

de pensar, reflectir,  
compreender, indagar,  
mil coisas discernir,  
aprender a criar

uma idea segura,  
concreta, inteligente,  
e, na vida futura,  
ser sabedor, consciente!



Que bom aproveitar  
a faculdade imensa,  
de sentir, de criar,  
de ser alguém que pensa

e que marca, na vida  
o seu lugar seguro;  
por estrada florida  
abrir largo futuro!

Só do estudo depende  
a glória que enobrece...  
E o Luiz que isto entende  
e como nunca esquece,

que é preciso estudar  
para vencer na vida,  
regressa ao seu lugar,  
de frente alegre, erguida!

Fazei como o Luiz,  
inteligente e esperto  
e um futuro feliz  
haveis de ter, por certo!



## CONCURSOS CHARADÍSTICOS



Eliseu Mario Rosa dos Santos — Sub-campeão



Antonio Joaquim C. Ferreira — «Anjocarfer»



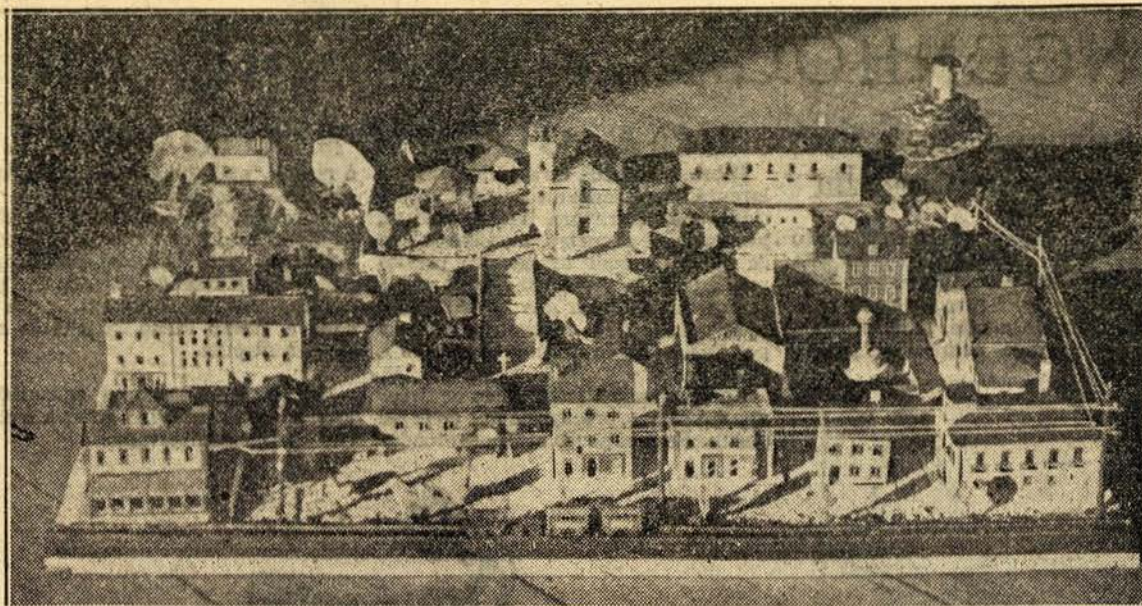
Fernando Cardoso — Fernandoso



Hermenegildo Lopes Pires — Lilicas



Alfredo Matos



# UMA VILA COMPLETA

Conforme prometemos, publicamos, hoje, a prova fotográfica do nosso concurso: — «Uma Vila Completa», que obteve o 1.º Prémio e, bem assim, o retrato da autora da composição: — a menininha Flora Moniz de Matos.



FLORA MONIZ DE MATOS  
1.º Prémio

O alinhamento de ruas e largos, a disposição da igreja, a rede telegráfica bem conduzida e outros pormenores de pura imaginativa, a par duma esmerada execução, reveladora de grande habilidade manual, mereceram do júri a distinção de um primeiro prémio.

## Aviso aos concorrentes da «Vila completa» e dos concursos charadísticos

A partir de hoje, encontram-se à disposição dos premiados os respectivos prémios que poderão ser reclamados na redacção do nosso suplemento, das 14 às 19 horas.

Aos concorrentes da Província serão enviados pelo correio os prémios a que tenham direito, sem dispêndio de porte.

## CONCURSOS CHARADÍSTICOS



João Balão Lena



Francisco M. Pereira Coelho—Um decifrador



Zé Gaspar



Antonio C. Abreu



Antonio Paulo Pinto Eliseu

# ENGENHOCAS e EXPERIENCIAS

## Moeda que gira sobre o bico duma agulha

Para se obter este resultado começa-se por dobrar um arame pela forma indicada na gravura. Na dobra que, no desenho, figura à direita coloca-se, horizontalmente, uma moeda e, contrabalançando com esta, pendu-

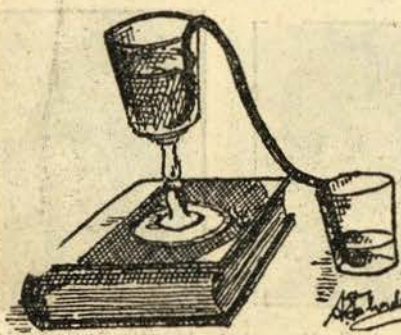


ra-se na outra extremidade um corpo qualquer, que pode ser um anel, de peso suficiente para poder manter o equilíbrio a este conjunto.

Basta agora colocar a moeda sobre uma agulha ou qualquer outra parte aguçada e, em seguida, soprar em direcção ao anel. Vê-se então o aparelho girar rapidamente, animado dum movimento de rotação, furando-se, por vezes, a moeda quando a temos aplicada a uma ponta que seja de aço de rija tempera,

## Um sifão sem tubo

(Fenômeno capilar)



Num copo com água, situado num plano superior ao doutro copo, mas

## UMA CORRIDA ORIGINAL

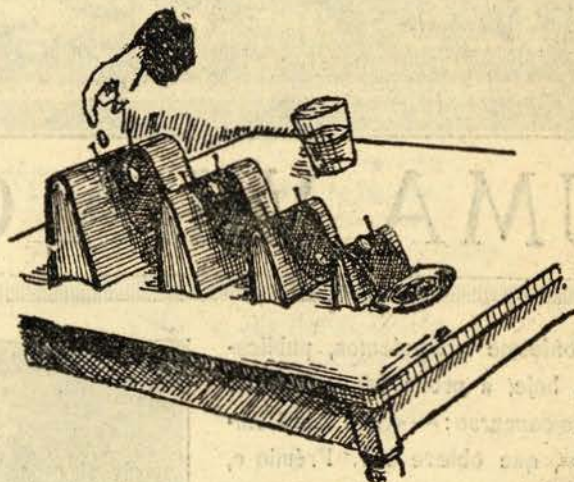
Sobre a lombada de alguns livros de largura decrescente e colocados na posição que a gravura indica, fixa-se, por meio de alfinetes, uma longa tira de papel, a qual tanna sido previamente coberta duma camada de plumbagina em qualquer das faces ou passada pela chama de um candeiro de petróleo, cuidadosamente para não a queimar.

Aproximando ou afastando os livros uns dos outros, procura-se dar ao papel ondulações, um pouco mais acentuadas

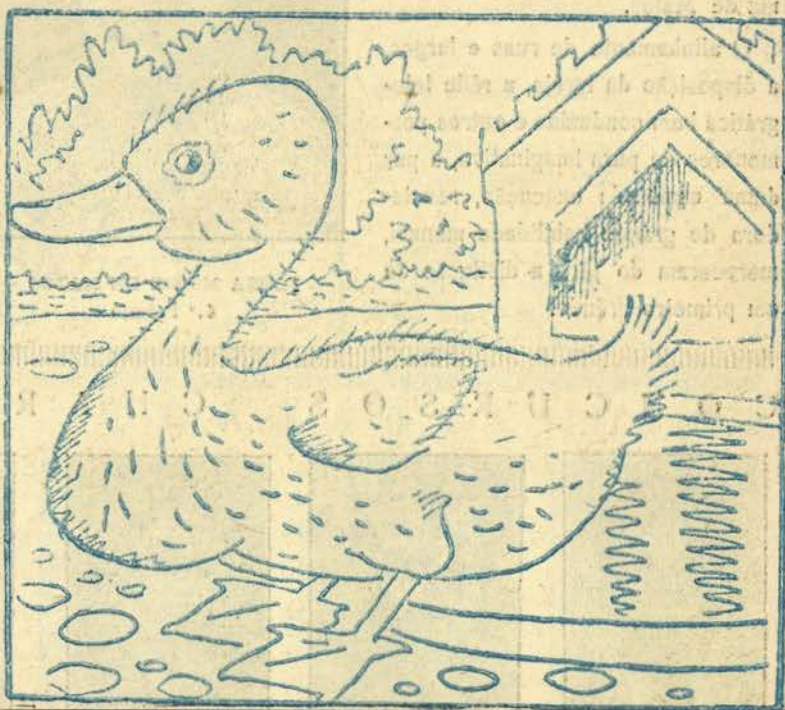
à medida que este se afasta do maior em direcção ao mais pequeno.

Deixando desprender algumas gotas de água sobre o ponto inicial estas deslizarão pelo primeiro plano inclinado, serpenteando-se, depois, pela original «montanha russa», o que nos dará a ilusão duma renhida mas curiosa disputa.

Um prato colocado na extremidade inferior receberá essas gotas à medida que as formas libertando.



## PARA OS MENINOS COLORIREM



vazio, mergulha-se a extremidade duma tira de lã ou flanela, deixando pendente no interior a outra.

No fim de certo tempo verifica-se

que a água abandonou o primeiro, passando para aquele, situado no plano inferior. A tira de flanela desempenhou o papel de sifão.